

CORONAVÍRUS

Viagem ao laboratório onde já se fizeram mais de 15 mil testes à covid-19

No laboratório de biologia molecular do Hospital de Santa Maria, em Lisboa, há quem trabalhe 16 e 18 horas “na boca do lobo”. Já fizeram 900 testes serológicos

Reportagem Ana Maia

“10 de Março a 9 de Abril 2020. No primeiro mês de diagnóstico fizeram 5343 pesquisas de SARS-CoV-2. Parabéns!! É um exemplo e um motivo de orgulho para todos! Obrigada pela dedicação e competência de todos.” A mensagem está colada na porta que dá acesso ao laboratório de biologia molecular do Hospital Santa Maria, em Lisboa. E diz tudo.

Ali, já se fizeram, desde o início do surto, mais de 15 mil testes de PCR em tempo real para diagnóstico da covid (os resultados são conhecidos em poucas horas) e 900 testes serológicos que detectam se

uma pessoa já esteve em contacto com o vírus e se tem ou não imunidade. E também muitas outras análises para confirmar ou não a suspeita de doenças provocadas por bactérias ou para monitorizar a saúde de muitos outros doentes. Porque o mundo pode ter afrouxado, mas não parou.

“A equipa é excepcional. As pessoas são todas muito empenhadas”, afirma o director do serviço de patologia clínica, José Melo Cristino. Nunca se deixa nada para o seguinte, a não ser que as máquinas não permitam fazer mais. “Há pessoas que estão cá, 16 e 18 horas quando deveriam ser oito.” Não foram precisas máquinas novas para diagnosticar o SARS-CoV-2. Mas foi preciso formar mais sete técnicos na metodologia de detecção do novo coronavírus para

Catorze vezes mais em Loulé

Testes serológicos efectuados num estudo da Fundação Champalimaud e do Algarve Biomedical Center em Loulé mostram que a taxa de infecção pelo novo coronavírus é 14 vezes superior à calculada através dos testes de diagnóstico. Os investigadores testaram 1235 pessoas de Loulé, com profissões que exigem exposição, apesar das medidas de confinamento: forças de segurança, bombeiros, membros da protecção civil, profissionais de saúde, trabalhadores do mercado municipal. Os resultados indicam que 2,8% dos testados já tinham contactado com o vírus SARS-CoV-2 e desenvolvido anticorpos. A taxa de infecção é 14 vezes maior do que a calculada nos testes de diagnóstico realizados no âmbito do mesmo estudo, 0,2%. **P. M.**

dar resposta às exigências.

Tirando a “apreensão normal do início” - afinal, alguns têm factores de risco e todos têm “família, idosos a cargo, filhos” -, “não tiveram medo”. “Perceberam do que estamos a falar”. O risco de transmissão no laboratório “é baixo”, diz Melo Cristino, apesar de estarem “na boca do lobo”. “Não tivemos casos de infecções no trabalho.” Tiveram dois casos positivos que acreditam ter ocorrido fora do hospital.

O serviço de patologia clínica divide-se por dois andares. É no quarto piso, no final do corredor, de tons cinzentos e azuis, que está o laboratório de biologia molecular. Habitados a lidar todos os dias com agentes infecciosos e a descobrir bactérias, vírus e fungos que deixam as pessoas doentes, as

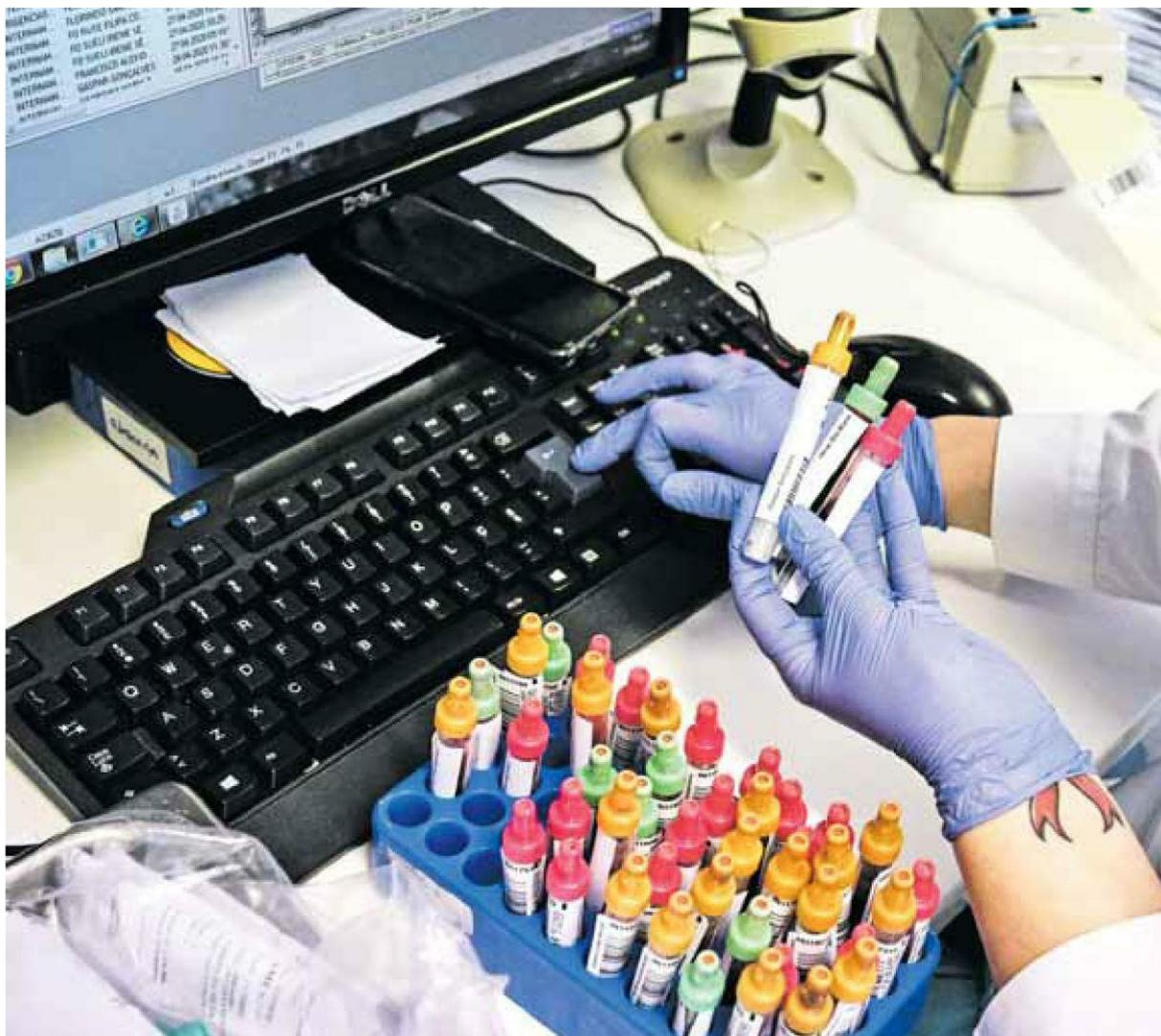
Area: 1095cm² / 58%

Titragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6831804



Área: 1095cm² / 58%
FOTO Tiragem: 72.253

Cores: 4 Cores
ID: 6831804

regras de segurança são uma constante no serviço. E nunca podem ser descuradas. Nesta altura, ninguém circula sem máscara e os técnicos estão dedicados em exclusivo àquela área para limitar riscos.

O circuito covid não é muito diferente dos outros. Cada uma das zaragoas – uma espécie de cotonete gigante que permite recolher secreções da cavidade nasal da pessoa que se quer testar – é colocada num tubo próprio. As amostras são depois introduzidas num frasco “que tem de ter tampa de rosca e ser de um material rijo e inquebrável”, que é enviado para o serviço de patologia clínica. Cada um destes frascos é

descontaminado e aberto numa câmara de segurança e as zaragoas, colocadas num suporte, seguem o seu caminho em direcção ao laboratório de biologia molecular.

Logo à entrada fica o laboratório de segurança P2, espaço fechado de pressão negativa para ter a certeza que o que entra não sai. Apenas dois técnicos trabalham em simultâneo naquele espaço. Assim começa o trabalho de manipulação das amostras para a realização dos testes PCR em tempo real. Na câmara de segurança, a amostra é descontaminada de forma a matar o vírus, caso ele exista.

“Para se fazer a detecção do vírus são precisos dois passos. Primeiro, a

extracção, que é tirar o RNA do vírus, e o outro que é a amplificação, que é aumentar muito as cópias do DNA do vírus”, explica o director do serviço. No serviço têm quatro aparelhos para fazer a amplificação. O maior, ocupa só ele uma sala. Dá para analisar 94 amostras de cada vez e, neste caso, faz tudo. “Faz a extracção dos ácidos nucleicos, a amplificação e dá os resultados em três horas, três horas e meia”, explica o responsável do serviço.

400 a 500 testes por dia

Fazem uma média de 400 a 500 testes PCR por dia. Dentro do hospital, “aos doentes que vêm ser opera-



Para se fazer a detecção do vírus são precisos dois passos. Primeiro, a extracção, tirar o RNA do vírus, e o outro que é a amplificação, aumentar muito as cópias do DNA do vírus

José Melo Cristino, Director do Serviço de Patologia Clínica

Numa das salas do laboratório, duas técnicas preparam uma *slot* de 32 amostras na câmara de segurança, que em seguida são colocadas no aparelho de amplificação. A maioria de pessoas que foram às urgências. Junto com as amostras entram sempre na máquina dois controlos: o de um teste positivo e o de um teste negativo. “Temos de ter a certeza que estamos a comparar com o que queremos”, diz o também professor catedrático de microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Mais ou menos duas horas depois tiveram os resultados. Foram todos negativos. Resultado semelhante ao das cinco amostras que aquela máquina tinha analisado durante a noite. Também nenhuma acompanhou as linhas que ascendem no gráfico, que o ecrã da máquina mostra a várias cores, do controlo positivo. E de uma outra série de 72 amostras, apenas três foram positivas.

O ritmo começa a aumentar

No serviço de patologia, nem mesmo em tempo de pandemia se deixaram de atender outros doentes, de procurar outras infeções, de realizar análises ao sangue, às fezes ou à urina para descobrir o que cada pessoa tem. Estejam internados ou não. O director brinca dizendo que ali ficam “com o que os outros não querem”.

O serviço tem mais cinco laboratórios, além do de biologia molecular, e conta com 160 profissionais, entre médicos, técnicos superiores de análises clínicas e saúde pública, técnicos superiores de saúde, assistentes administrativos e assistentes

operacionais.

Fora do edifício principal, onde antes era a farmácia comunitária, funciona a central de colheitas, espaço que partilham com a farmácia de ambulatório. Ali recolhem material para todo o tipo de análises, à excepção das covid, que têm uma zona própria.

No início da última semana de Abril, a média de análises diárias estava em 300 por dia, ainda longe das habituais 700 que faziam. “Pensamos que as pessoas possam ter algum receio, mas implementámos medidas de distanciamento social. Não deixamos entrar acompanhantes, a não ser os essenciais, e dentro da sala entre cada cadeira que a pessoa se pode sentar estão duas vazias”, explica.

Mas o ritmo está a subir à medida que o centro hospitalar avança na retoma da actividade que ficou suspensa e que o desconfinamento dá os primeiros passos. Na última segunda-feira estiveram cerca de 400 pessoas na central de colheitas. E o total de análises feitas nesse dia foi superior a 17 mil e na terça-feira rondou as 15 mil. Próximo do dobro do registado nos dias de maior restrição provocadas pela pandemia, mas à volta de metade das feitas antes do SARS-CoV-2 ter mudado o mundo.

É também no piso 4 que funciona o laboratório microbiologia, onde se fazem diagnósticos de infecção por isolamento de agentes como bactérias e fungos. Numa das salas está uma incubadora de hemoculturas. Lá dentro estão frascos com preparados próprios que alimentam possíveis fungos ou bactérias que possam estar na amostra recolhida ao doente. Ficam na estufa por norma cinco a seis

dos, aos pais de crianças internadas, aos pais na obstetrícia, aos doentes oncológicos todas as semanas”. E também respondendo ao acordo que têm com a Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo, com a realização de análises a utentes e profissionais de lares e residentes de pensões da região.

Os níveis de positividade têm sido baixos, assim como o número de doentes a precisar de internamento. Nas últimas semanas, a média do centro hospitalar tem-se situado em cerca de 40 doentes na enfermaria e 20 em cuidados intensivos. Também testaram mais de 1200 profissionais do centro hospitalar: cerca de 75 profissionais infectados, dos quais 30 estão curados.



Data: 08.05.2020

Título: Viagem ao laboratório onde já se fizeram mais de 15 mil testes à covid-19

Pub: 



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 12;13

dias, a uma temperatura de 36 graus.

Numa outra sala, uma técnica analisa uma amostra colocada num outro meio de cultura, uma espécie de caixa redonda preenchida com uma composição específica que fez crescer uma cultura de uma bactéria. É na sala principal, com várias máquinas, que se identificam fungos e bactérias e que se testam a susceptibilidade destes a antibióticos, de forma a encontrar a melhor opção de tratamento.

Um piso abaixo, no 3, funciona o laboratório de urgência. Activo 24 sob 24 horas, está sempre pronto a

dar resposta. Junto à entrada, dois tubos do sistema pneumático fazem chegar ao laboratório amostra de sangue colhido na central de colheitas e na urgência pediátrica.

“Pelo barulho, vão chegar amostras”, diz Melo Cristino. E uns segundos depois, chegou.

No frasco chegam uns quantos tubos com sangue. Serão colocados na centrífugadora que irá separar os glóbulos do plasma. “É a partir do soro que se fazem todas as análises.” Um aparelho gigante, que faz lembrar os circuitos dos comboios em miniatura, ocupa grande parte do espaço. As

amostras são colocadas no aparelho e seguem automaticamente pelo corredor. No final regressam à zona de entrada, onde são armazenadas no frio.

“A serologia da covid vai ser introduzida num destes aparelhos a partir deste mês”, explica o director do serviço. Começaram a fazer este tipo de testes no Hospital de Santa Maria a 22 de Abril, a doentes e profissionais que já tiveram a doença. Neste momento, já vão em 900 testes serológicos.

amaia@publico.pt

Área: 1095cm² / 58%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6831804